

O lume e a lâmina



Por VINÍCIUS DE FIGUEIREDO*

Reflexões sobre a obra de Rubens Rodrigues Torres Filho.

para o Tuxo

Um enigma permeado de linguagem. Talvez isso caracterize o “sentimento de mundo” que emana da obra de Rubens Rodrigues Torres Filho, que nos deixou em dezembro de 2023. Ele foi poeta, tradutor, professor e filósofo ou, como preferia dizer, historiador da filosofia. Embora fosse avesso ao alarde, deixou digitais por toda parte. Ao examiná-las, é difícil não ceder à tentação de buscar certa unidade a partir de certos motivos recorrentes. Entre poesia e filosofia, passando por tradução e a ensaística, pontes ligam uma produção incomum e variegada, construída no equilíbrio entre rigor e imaginação.

Poesia e reflexão

Um texto mínimo dá o mote para entrarmos no assunto. Está no primeiro livro de Torres Filho, publicado em 1963, mesmo ano em que ingressava no curso de filosofia da USP. É um livro de poemas, mas com título de filosofia: *Investigação do olhar*. A epígrafe é um minimanifesto poético. Diz assim: “A poesia, esforço da linguagem, será primeiramente ‘lógica’”. A isso, segue-se a reivindicação lírica: “A poesia deve ser escavação e tortura”.

Duas exigências à primeira vista antagônicas, configurando uma antinomia que, examinada mais de perto, não é nova. Mário de Andrade a havia enfeixado sob a tensão entre técnica (“ordem intelectual”) e espontaneidade (“ordem subconsciente”) e, sobretudo em seus primeiros escritos, advertiu que aproximar a poesia da “lógica” poderia ferir de morte o elemento subjetivo, indispensável à mistura.

Em contrapartida, e como preveniria logo adiante Drummond, fora daquele “esforço da linguagem”, de que dá notícia Torres Filho, a matéria sentimental permanece anódina: “o que pensas e sentes, isso ainda não é poesia” (Drummond, “Procura da poesia”). A epígrafe escrita por Torres Filho em 1963 traça um caminho: a matéria poética, feita de contradições, arroubos, sentimentos e perplexidade, deverá ser organizada a ponto de exprimir, no nível da linguagem, como se comunicam opostos nem sempre amigos.

Uma vez aberta, a temporada dos contrários não demoraria a revelar seus resultados. Da fase inicial, veja-se o par “interno” x “externo”, no poema avulso, “migração” (1962):

Me revejo, transfigurado,
redescoberto pelos que me inventam
para o seu convívio.

a terra é redonda

Com que clareza suas intenções me tocam,
nasce meu nome de suas bocas como uma flor.
Vou viver neles com transparência,
renasço inteiro de sua fala
para habitar a memória.
Neles eu falo, movo a cabeça,
telefono. Tudo sem mim,
tudo fora, com grande paz e condescendência.

Embora o poeta registre a alienação impregnando as relações até a medula, isso suscita menos indignação ou militância que autoironia. O que poderia surpreender: eram os anos 1960. O contraponto ajuda. Ingressando na cena paulistana pela mesma época, Roberto Piva designava seu livro de estreia, *Paranoia* (também de 1963) de “beat-surreal”, junção peculiar de Bréton, Rimbaud e Ginsberg. Dessa mistura, emergia uma voz poética recendendo erotismo de ampla circulação, inclusive gráfica: versos longos seguem-se uns aos outros alternando tempos verbais e imagens (de repente, Mário de Andrade cola no ouvido do poeta, perambulando com ele pelo centro da cidade), o texto tornando-se *urbes* portadora de energia indivisível, nuclear, sexual.

Eliane Robert de Moraes, em ensaio luminar sobre a poesia de Piva, comenta que, nela, o escape do ordinário é mergulho homoerótico na aventura noturna, que representa o contradiscorso “a todo tipo de aparato repressivo, seja do capital, da Igreja católica, dos guardiões dos bons costumes ou de qualquer outra instância de sujeição da libido”. É também o que diz o poeta, no Posfácio de *Piazzas* (1964): “Contra a inibição de consciência da Poesia Oficial Brasileira a serviço do instinto de morte (repressão), minha poesia sempre consistiu num verdadeiro ato sexual, isto é, numa agressão cujo propósito é a mais íntima das uniões”.

A conduta de Torres Filho é diversa. O título do poema, *migrar*, consiste em passar de um a outro (o)posto, num vaivém ao longo do qual a variação entre experiências contrapostas faz com que o poeta assista a sua repartição em dois. Ao invés de rejeitá-la, torna-se consciente de sua alienação: “tudo fora, com grande paz / e condescendência”. A síncope entre “interior” e “exterior” não transforma as coisas; mas o “eu”, disponível aos outros nesta exterioridade que faz “tudo sem mim”, gira sobre si mesmo e empreende sua autodemarcação.

Graças ao curso do pensamento em palavra (discurso), o significado da oposição inicial é atualizado. Reconhecendo-se objetivado por expectativas alheias, o “eu”, apesar de afigurar-se como impróprio, permanece (numa medida sempre variável, que Torres Filho não cansará de recalcular em sua trajetória) intacto. Assim como um olho que se vê, o poeta se põe a refletir, descobrindo muito cedo a vocação que será reiterada noutra epígrafe, de *O voo circunflexo* (1981):

O que é vestígio, investe e instiga
ou, se é do olhar, investiga.
Um ao outro: o olho se olha,
Se se recolhe em si, se se desfolha.

O assunto é próximo, a abordagem muda. Se, no caso de “migração”, a consciência nascia da duplicação de si no “dentro” e no “fora”, na epígrafe de 1981, em contrapartida, o “olho que se olha”, correspondendo ao “eu” já constituído, hesita entre recolher-se e desfolhar-se. Num caso, a reflexão é autoconsciência; noutro, hesitação diante da escolha. Pergunta parecida reaparece em “poema sem nome”, de 1989: “Prezado rio das coisas, / qual dos dois: fluir, florir?”. A interrogação, interior ao poema, o questiona: por que, afinal, não *desescrever-se* e cair na vida? Mas como seria este salto para fora da linguagem, visto nela fundir-se o próprio sujeito? “Se caio / é sem sair do lugar”.

Resta laborar por dentro, formalizar o rio heraclítiano para instituir, no verso de suas antinomias e sem rejeitá-las, um leito original, feito de golpes de vista, lembranças, projeções. É o que assistimos, por exemplo, em “outra miragem”, de 1993:

a terra é redonda

Era verão, e a lua lá
(pois era noite) enluarava
As lâminas-cocares dos coqueiros
(pois era praia) e abria uma clareira
para os olhos (dos dois) na noite clara.
O que dizíamos (você
se lembra?) estava
por um fio. Era nada. Ia formando
uma rede levíssima de nexos
e de elisões. No espelho desse instante
duplicou-se
mais uma vez (pois era,
como já disse, verão
e praia e havia lua)
outra miragem de felicidade.

Como em “poema sem nome”, o mundo se expõe ao flagrante dos momentos decisivos, mesmo quando prosaicos (a ponto de quase sumirem: “você se lembra?”). O álbum dessas fotografias é obra da poesia, cujas escolhas são reduplicadas pela ausência de um discurso capaz de rememorar ou compreender tudo. A atmosfera suspensiva da oficina poética de Torres Filho o preveniu contra a ideia de uma verdade integral, fosse desejo, razão ou história. O “verdadeiro em si” dissolve-se diante das prerrogativas da metáfora, que pede passagem. Compreende-se melhor essa poesia, que se equilibra sobre o comércio dos opostos e rejeita a ideia de resolvê-los numa progressão bem realizada. Hesita, problematiza; a impossibilidade de uma “síntese dialética futura”¹ a faz contentar-se em abrir janelas e acenar com perspectivas que são como partículas entrevistas numa névoa quase permanente, com dias mais ou menos amenos.

Escrita epidérmica que comporta variações, como atestam estes dois poemas de 1987:

Happy beginning
Nesse mesmo instante
Nossos lábios se uniram
Por si mesmos
e ela já me murmurava entrebeijos: – Sinto
que vamos nos amar (no sentido figurado) agora mesmo.
Já o desfecho de “Capítulo” evoca outro clima, itabirano:

Capítulo
“Urgência de desenredar essa multidão de sentidos e nexos que se apresentam e negam de formas múltiplas, enredados. As perplexidades continuam valendo, obtusas. Espelho de convexidades endoidicidas, a face dos dias se dispõe para a malícia. Fútil, fugaz, o olhar escorrega pelas superfícies. Andando, mãos nos bolsos, ensaiava um assobio desafinado, depois silencia, magro”.

A invasão iminente dos sentidos (perceptivos e mentais) dá o gatilho nos dois poemas. Mas, contrariamente à certeza dos amantes, em “Capítulo” as perplexidades permanecem, soberanas. Como se vê, a premência de desenredar a multivocidade pode dar em beijo ou vazio. Abrir-se para essas variações exige incorporar, no plano formal, jeitos diversos de poetizar: do trocadilho vizinho a Leminski (“poema semipronto”, 1985) a versos que mimetizam Camões (“Quatro sonetos”, 1981), coexistem dicções interpostas, incorporadas por quem mergulha no que lê ou sente, a fim de traduzir-se e assim reinventar-se.

É o que se lê em “uma prosa é uma prosa e uma” (1985): “a escrita inventa a escritura e nos pousa nas linhas que vão seguindo a pista para dentro – de fora para denso – de dentro para fera”. O ponto foi notado por Arthur Nestrovski, que, avaliando o conjunto, diz que os poemas “vão vestindo as roupas mais variadas, do soneto ao aforismo, da anedota à

meditação, do verso regular à linha livre e à ‘prosa porosa’, ou ‘respirada’, onde o efeito poético fica reservado às ‘imagens-surpresa’ e ao ‘barroquismo fônico’.²

Uma versatilidade que tem que ver com o recuo reflexivo, a permitir que, afiando-se, o poeta se torne escrevente de sua própria variação. O centro dessa poesia, então, tende a ser oco – o vazio que reverbera acordes diversos, do murmúrio do “entrebeijos” ao olhar que se esgueira e nada encontra, põe as “mãos no bolso” e ensaia um assobio desafinado, seguido de magro silêncio. Se a máquina do mundo se reabrisse ao poeta neste momento, só lhe restaria – como a seu precursor, o de “pupilas gastas na inspeção / contínua e dolorosa do deserto” – baixar os olhos e seguir caminho, “vagaroso, de mãos pensas.”

Filosofia e poesia

À época em que Torres Filho ingressou no curso de filosofia, a máquina do mundo acabara de realizar seu pouso na Maria Antônia, mas de ponta cabeça: era o “marxismo uspiano”. Em suas memórias, Fernando H. Cardoso recorda o que ia pensando um de seus protagonistas (e que seria o primeiro orientador de Torres Filho no doutorado, até sua cassação, em 1969): “Giannotti defendia que no *Capital* estaria presente algo como um desdobramento lógico, dialético, fundamentado nas coisas, nas estruturas objetivas do trabalho, nas relações objetivas entre as pessoas”. Diante de revelação assim imensa, que valor dar à poesia: alienação, enfeite?

Nesta acepção antipoética, a “lógica” anda de mãos dadas com a ontologia. O contrário do que insinuava Torres Filho desde a epígrafe de *Investigação do olhar*, quando, privilegiando o viés expressivo da linguagem, a tomava como exigência de formalização das vivências subjetivas a fim de refleti-las em sua variação para comunicá-las ao leitor. Na orelha de *Poros* (1989), Benedito Nunes chama a atenção para o fato de que, para Torres Filho (assim como, antes dele, Novalis), “a vida originária da linguagem” é a metáfora. Entenda-se: passagem ou mudança de perspectiva,³ não “superação” (*Aufhebung*) de um registro discursivo por outro, em tese superior e mais próximo da verdade.

Nenhuma vocação pelo alpinismo do Conceito, portanto, até porque não carece galgar o Evereste especulativo para elevar-se às alturas. É o que atesta com máximo rigor e surpreendente leveza – bossa-novisticamente? – o trapezista (com essa imagem Fernando Paixão crava a poética de nosso autor): salta entre bastões ligados apenas pela ponte que faz e refaz sobre os abismos da linguagem.

Quase um “transcendental circense”, que converte o entreter-se do sujeito com suas representações (a “lona azul do céu” de que nos fala outro poeta) numa livre-reflexão – o minério que, no garimpo de seus anos de formação filosófica, Torres Filho descobriu em J. G. Fichte. Acerca deste último, dirá o seguinte: “a radicalidade da reflexão do *Wissenschaftslehre* [isto é, de quem exerce a filosofia em acepção fichteana] está justamente na agilidade que lhe permite deslocar-se entre os pontos de vista” (*O espírito e a letra*, 1975, p. 64).

Para compreender melhor do que se trata (pois nisto reside, creio, a atitude intelectual de Torres Filho), o contraste com Hegel é útil. Examinemos uma nota de rodapé na página 193 de *Hegel: a ordem do tempo*, de Paulo Arantes. O livro, que apresentava a versão brasileira da tese defendida por Arantes em 1973, em Paris X, foi traduzido para o português por Torres Filho. Em 1981, data da publicação, ambos eram professores no departamento da USP e especialistas no pensamento alemão — mas por times diferentes.

Sabe-se o quanto Fichte foi criticado por Hegel. Fichte, diz este último, não teria logrado contornar o dualismo entre “sujeito” e “objeto”. Preso às antinomias da consciência, teria negligenciado a história e permanecido numa reflexão incompleta – de modo que, na falta de mediação para resolver a antinomia entre os opostos, teria se contentado em “fazê-los alternarem em lugar de identificá-los no mesmo processo” (*Hegel: a ordem do tempo*, 1981, p. 284).

a terra é redonda

Ao que retruca Torres Filho (inventando novo gênero de comentário, o “rodapé intrometido”): “Em suas análises, Hegel não leva em conta que esse meio-termo (*das Dritte*) percorre de ponta a ponta, como um fio vermelho (a expressão é de Fichte), a *Doutrina-da-Ciência* de 1794, servindo de fio condutor (*Leiter*) para a reflexão, até que ela expõe seu eixo radical: a imaginação produtiva.

Confrontam-se, então, dois modelos de dialética. O de Hegel (seguido por Marx) faz do “meio-termo” (= trabalho) o fio-terra que inscreve o “universal” ou a “razão” na realidade. O de Fichte, que se desloca entre os pontos de vista sem reificá-los nem, tampouco, objetivar-se. Eis-nos diante daquela relutância subjetiva que expôs Fichte à objeção de “abstrato”: afinal, de que serviria tal liberdade de movimento, posto exercer-se no intelecto puro, apartado do mundo?

Entretanto, como mostra Torres Filho, o intuito de Fichte em circunscrever um pensar autônomo, desembaraçado de todos os pontos de vista, não é o de enclausurar-se em si mesmo. Verdade que a doutrina-da-ciência se recusa a ser “um saber material (saber de algo)” (*O espírito e a letra*, 1975, p. 68); ela é, antes, “ciência a-temática por excelência”, “uma filosofia estritamente não-figurativa” (op.cit., p. 250). Mas isso não proíbe quem a assume de falar sobre o mundo.

Ao contrário. Falar dele com propriedade passa por relativizar os dogmas e desprender-se da positividade irrefletida que impregna o uso natural dos signos. Tornar as palavras vãs (“deixar as palavras serem palavras”, como diz o título de um dos capítulos do livro sobre Fichte) revela-se pressuposto para reaver o alcance expressivo do discurso - e, assim, apresentar (cenicamente) o “suprassensível” no “sensível”. Com esse acréscimo contra mal-entendidos: “é na letra, e não além dela, que o espírito tem corpo e realidade” (*Ensaios de filosofia ilustrada*, 1987, p. 112).

O “suprassensível”, portanto, não existe da solo, mas requer a exibição sensível possibilitada pela reflexão pura (quando, por um átimo, o olho se vê olhando). Contrariamente ao que se dá com Hegel, o termo médio dessa operação, para Fichte, é a imaginação produtiva. Faculdade a um só tempo espiritual e sensível, ela não religa o pensamento à coisa, como fazia a ontologia dogmática, mas o traduz livremente em imagem. Seu parâmetro é a intersubjetividade, sua prova dos nove é tornar a invenção comunicável.

Algo desse método comparece desde cedo na poesia de Torres Filho, quando a neutralização do sentido habitual dos signos dá ocasião para reinventá-los, como ocorre em “O dia é mais”, de 1961:

Hoje não vou pensar
O dia é mais forte que a noite.
Sonho as mais mansas abóboras.
Aqui é sempre este agora.
Não. Não vou pensar.
Mal-me-quer, bem-me-quer,
mal-me-quer etc.
Vou só deixar.
Dimensão. Dimensão.
Vou só queimar.
A noite é mais forte que o dia.
Não é?
Comer as mais úteis luas.
O dia... como se diz?

Transformado em condição do poema, o “não pensar” amplia o leque da experiência (as “mais mansas abóboras”, as “mais úteis luas”). Mas nem sempre esse viés suspensivo é alegria. Ao contrário. Retomando o contencioso que habita o subsolo de tudo, vários poemas de Torres Filho mal suportam o impasse.

Diferentemente de “Áporo”, de Drummond (“o labirinto / oh razão, mistério) / presto se desata”), aqui o nó insiste (como

neste poema sem título de 1962): “Flor / ou labirinto / de mistério sem saída / por onde girar sem fim?” E por aí vai: das “flores pedindo para nascer” (“*largo-allegro-largo*”, de 1965), e da pura dor “onde se pede / uma outra lentidão de florescer” (“amor”, de 1965-1967), até o canto que, “refratário a todo ritmo / menos ao nosso, ao interno / que se fizera perito / em persistir sem remédio” (“redondilha”, de 1981), o travo que mal se desfaz fica remediado pela ironia dos poemas mais maduros: “obra: nosso comunicado / ao exterior” (“3 expoemas”, de 1981).

Nesses momentos, a poesia redefine-se como irresolução produtiva: ela “tem firmeza de arremesso / e desespero de gala. / Sua marca é o fio avançando / nem sim, nem não, só viagem” (“arte poética (sic)”, de 1981).

Filosofia = história da filosofia?

Parece lícito discernir, nesta permanência aporética - que, ganhando viés de alta com o domínio progressivo da ironia, dista da atitude melancólica que Hegel objetava aos românticos -, o germe da mesma reflexão que anima a doutrina-da-ciência fichteana. Como escreveu Torres Filho, o transcendental é como uma espécie de “aurora, limbo matinal onde há significações antes de haver mundo”.⁴ Eis as palavras momentaneamente subtraídas da falação mundana, ruidosa a ponto de esquecer do mundo.

Torres Filho, então, já tateava Fichte antes de travar contato com seus textos? Crer nisto é desconhecer como procede o historiador da filosofia. Longe de resumir-se à passividade dos escribas, seu ofício comprova que a evidência do texto emerge apenas na vidência de quem o lê, o intérprete. Logo, este Fichte que apurou o rigor suspensivo de Torres Filho, amadurecendo sua contrapartida expressiva, não é o Fichte “em si mesmo”. Até porque este é incognoscível para nós. O espírito não existe fora da letra que o traduz. Mais exato, então, seria declarar o oposto: foi Fichte quem se tornou “rodrigueano”, quando Torres Filho se apropriou dele para iluminar questões que eram suas e de seu tempo.

Apropriação reveladora da tabela entre poeta, filósofo, tradutor, ensaísta e historiador da filosofia, unidos sob a certeza de que o lume só ganha visibilidade através da reativação da linguagem (“novolume”). Nisto, vale lembrar, consistiu a novidade do Iluminismo. Fora de sua caricatura como crença abstrata no progresso ou emancipação, o *Aufklärer* reaparece como quem vive no contratempo do presente - como se deu com Torres Filho, que abriu a golpes de lâmina reluzente o vão através do qual nossa maneira de ler, imaginar e agir se redescobre. “Entre dentais e fricativas vai a língua / bulinando nomes para o que é querido” (“ao pé da letra descalça”, 1985).

Com o fim da ontologia, só mesmo pedindo as palavras em namoro - mesmo quando somente nos entendemos “por um fio”. Bastará então o saber mínimo, a “rede levíssima de nexos / e de elisões”. Entre iluminismo e iluminações, o céu que toca com a boca a imaginação nos fará redescobrir que “no colo das estrelas / um paradoxo sorridente hesita” (“retícula”, 1993).

***Vinícius de Figueiredo** é professor do Departamento de Filosofia da UFPR. Autor, entre outros livros de A paixão da igualdade: uma genealogia do indivíduo moral na França (*Relicário*).

Publicado originalmente no número 1 do volume 9 da [Revista Rosa](#).

Notas

[1] Viviana Bosi, “Rubens Rodrigues Torres Filho: verso e avesso”, *Revista Terceira Margem*, v. 8, n. 11, 2004, p. 100.

[2] Arthur Nestrovski, “Paisagens anteriormente anônimas”, *Folha de S. Paulo*, 7 de dezembro de 1997.

[3] "Poros são diminutos lugares de passagem do vivido ao dito e do dito ao indizível" (B. Nunes).

[4] Rubens Rodrigues Torres Filho, "A virtus dormitiva de Kant", *Discurso*, v. 5, n. 5, 1974, p. 45.

**A Terra é Redonda existe graças
aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

CONTRIBUA

A Terra é Redonda